



AH, COMO O MUNDO ESTÁ VOLÁTIL! ONTEM, ASSISTIMOS AO CASAMENTO REAL. HOJE, OBSERVAMOS A MORTE DE OSAMA BIN LADEN.



ENTRE CONTOS DE FADAS E CONTOS DE TERROR, VAMOS TOCANDO A VIDA COM UM OLHO NA TELINHA E OUTRO NO NOSSO DIA A DIA.



ENQUANTO ISSO, NO NORTE DA ÁFRICA, JOVENS ÁRABES CLAMAM POR LIBERDADE, DIREITOS E FELICIDADE.



ESPERO QUE A "PRIMAVERA DOS JOVENS ÁRABES" SEJA FORTE E CONSISTENTE PARA REAGIR A QUALQUER TIPO DE OPRESSÃO.



CONTOS DE FADAS E CONTOS DE TERROR Ah, como o mundo está volátil! Ontem, assistimos ao casamento real. Hoje, observamos a morte de Osama Bin Laden. Entre contos de fadas e contos de terror, vamos tocando a vida com um olho na telinha e outro no nosso dia a dia. Quanto a Bin Laden – um morto sem corpo –, sua Al Qaeda e seus métodos radicais, acho que a resposta está vindo dos movimentos dos jovens no norte da África, que estão clamando por liberdade, direitos e felicidade. Espero que a “primavera dos jovens árabes” seja forte e consistente para reagir a qualquer tipo de opressão.

PRIMAVERA ÁRABE Segundo especialistas, a Primavera Árabe demonstrou rejeição ao terrorista e ao seu grupo, e sua morte não deve alterar o movimento na região. Nos últimos anos, a imagem de herói da resistência ao Ocidente que contagiou muitos árabes no calor dos atentados de 11 de setembro vinha definindo, e Bin Laden acabou ficando sem papel no local. Em todos os países, o motor das revoluções foi o protesto secular por democracia e não a *Jihad* (guerra santa) pregada por Bin Laden para a instalação da “*sharia*”, a lei islâmica. Para a grande maioria, o extremismo islâmico simplesmente não é opção, é o que afirma o Yoran Meital, do Centro de Estudos do Oriente Médio, para a Folha de S. Paulo.

REVOLTAS CONTRA AS DITADURAS Outro analista, o libanês Rami Khouri, concorda: “A Primavera Árabe é certamente um sinal de que a grande maioria dos árabes repudiam Bin Laden e rejeitam sua mensagem”. Para muitos no mundo árabe, o que preocupa é que a enorme repercussão da morte de Bin Laden tire o foco do que realmente interessa: as revoltas contra as ditaduras. Sobre o assunto, a revista *Cult* número 156 trouxe uma imensa reflexão. A partir de entrevistas com estudiosos e artigos assinados por pesquisadores, a revista traça uma análise profunda que nos ajuda a compreender melhor as razões da chamada “Primavera Árabe”.

FADIGA SOCIAL A tese do historiador Hamit Bozarslan, da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, defende que as rebeliões na Tunísia, no Egito e na Líbia só ocorreram porque esses países e vários outros da região “sofreram fadiga social generalizada”. Entre as causas históricas desses distúrbios está a partilha do Império Otomano, em 1918/1920, pelas então potências coloniais França e Reino Unido. Outro fator foi o estrangulamento do Oriente Médio após os ataques de 11 de setembro, nos EUA, fato que amputou as possibilidades democráticas que se desenhavam em vários países árabes. Além disso, havia ainda o apoio dos países ocidentais aos regimes autoritários árabes, a despeito da corrupção e do autoritarismo.

REINVENÇÃO Em sua análise, Hamit Bozarslan entende que o Oriente Médio é uma região geográfica e não pode ser visto como uma região cultural, e menos ainda como uma entidade fechada. Trata-se, diz ele, “de uma região fluida, aberta e em constante reinvenção... Entre os fatores que estão na base desta reinvenção está uma história comum vivenciada

em graus diversos, que vão desde o declínio do Império Otomano, passando pela criação do Estado de Israel e a revolução iraniana. Fazem parte desta reinterpretação o islã como religião, o autoritarismo que privilegia a dominação dos atores eleitos e a ênfase na segurança como modo de governança e como ideologia”.

DESIGUALDADES O professor Hamit entende que cada um desses episódios históricos gerou um tipo de reação. A partilha do Império Otomano gerou as revoltas árabes e a ascensão do islamismo. A criação do Estado de Israel gerou um sentimento de “amputação” no mundo árabe e uma dicotomia entre duas visões de mundo: de um lado, a democracia burguesa e, de outro, os regimes militares de esquerda. Desse modo, “os atuais protestos disseminados no mundo árabe propõem tanto a questão das paixões libertadoras quanto as paixões igualitárias e colocam a nu as desigualdades”.

DIGNIDADE Além disso, o historiador Hamit Bozarslan alerta para a questão que ele chama de “a reivindicação das dignidades abafadas pelo Estado”. Hamit lembra que a rebelião na Tunísia começou com a imolação de um comerciante. Revoltado com a humilhação pública imposta por policiais, ele incendiou o próprio corpo como protesto: “ele mostrou que na falta de dignidade, o autossacrifício era a única resposta”. Seu gesto teve uma resposta coletiva na Tunísia e se alastrou por toda a região.

DESEMPREGO E SUBEMPREGO Outro estudioso do assunto, o professor Oliver Roy, do Instituto de Estudos Políticos de Paris, comenta: “na prática, é o desemprego e o subemprego entre os jovens que vêm movendo os protestos pelo fim da monopolização de grandes setores da economia nas mãos de uma elite”. Ele lembra ainda que em todos os países afetados, com exceção da Tunísia, o exército faz parte dessa elite. Para Oliver Roy, “o que está sendo rejeitado é uma cultura política que sobrevive há 60 anos no Oriente Médio... Uma política de aparências que simula uma unidade em torno de uma causa (o povo árabe, o islã ou a Palestina) e de um líder (o *zaim*), amparada num Estado erguido sobre os serviços secretos (os *mukhabarat*) e a vilipêndiação de todos os adversários, tachados de traidores a serviço de potências estrangeiras (geralmente, os EUA ou Israel).”

BIN LADEN OU KING KONG Segundo Oliver Roy, “o movimento de protesto é democrático e nacionalista, e é provável que fortaleça a posição regional e internacional dos países em que tiver êxito, porque vai instalar governos com legitimidade maior e, consequentemente, dotados de maior liberdade de manobra”. Enquanto isso, jovens do mundo postam mensagens contra os exageros da mídia oficial na cobertura da morte de Bin Laden. Notícias que certamente despertam emoções e reações imprevisíveis. Relembro King Kong. Ele está morto. Mas quem foi que o tirou da selva e o trouxe para Nova York? Como foi que ele chegou na cidade? Essas são as verdadeiras perguntas que precisam de respostas, antes que novos King Kong sejam criados e jogados em terras promissoras, como a região da Primavera Árabe. Monstros criados para alimentar novas guerras e novas mortes.